



João Osório de Castro

T **G** **E** **A** **T** **R** **O**
GARRETT

FANTASIA EM DUAS PARTES

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

Esta árvore (o Teatro) quer a terra já revolvida para deitar bons frutos, quer o ar livre de furações que a não desarreiguem à nascença, só pega bem em terra própria: é como a sensitiva, encolhe e fecha, se lhe falta o sol da pátria, se lhe negam o céu e as nascentes do clima onde nasceu: nas estufas murcha e morre.

É que nenhuma há mais nacional: e deve-o ser, ou não é nada.

O teatro é quem retracta, a cores fiéis, as feições morais de uma nação, quem aponta o caminho que ela leva andado na estrada legítima da civilização, quem firma as raíças do seu progresso intelectual em todas relações variadas com o mundo externo: porque o drama, que é deveras, pinta a vida de alma, da época e da arte. É o espelho do estado social, e que revê todos, até os mais imperceptíveis traços do grande vulto chamado povo.

Seleção de textos de Garrett, de José Osório de Oliveira no seu livro "O Romance de Garrett".

Faculdade de Letras de Lisboa



ULFL061340

ULFL061340

OBRAS DO AUTOR

- **“D. Henrique de Portugal”**
Narrativa dramática em dois actos; estreada em 1961, no Teatro Nacional D. Maria II.
- **“O Baile dos Mercadores”**
Farsa; estreada em 1967, na casa da Comédia.
- **“A Primeira Espingarda do Japão”**
Representada nos Jardins do Palácio do Monteiro-Mor - Lisboa.
Publicada em 1973. Filmada para Radiotelevisão Portuguesa em 1992 e transmitida pela RTP 2 e RTP Internacional, em 1993.
Tradução e encenação para a Casa da Comédia das peças de Valle-Inclan
- **“A Cabeça do Baptista”, “Laço do Sangue” e “O Sacrilégio”** - espectáculo levado à cena em 1972.
Autor de textos do Movimento **“O Teatro, a Escola e a Vida”**, que a Casa da comédia, em colaboração com o IMAVE, apresentou em escolas portuguesas.
Peça de teatro para crianças - **Escola de Domadores**. Transmitida pela RTP em 1975.
- **“Contos em Memória”** - Vol. I, II e III; 1991/92.
- **“Canto da Lusitânia”** - poema dramático em três actos; 1992/93.
- **“A Paixão segundo Santo António”** - Poema dramático; 1995.
Representado em 1996 pelo Teatro de Todos os Tempos, perante cerca de 10.000 espectadores.
- **“Lux Lucis”** - Drama em duas partes. Leitura encenada no Teatro Nacional de D. Maria II; 1994.
- **“Santo António Militar”** - Mágica em rima bárbara; 1995.
- **“A Ribeirinha”** - Drama sentimental em duas partes; 1996.
- **“Cabeçudos e Gigantones”** - Farsa trágica ou talvez não. Em duas partes; 1996/97.
- **“O Príncipe do Tejo”** - Poema para Mágica; 1997.
- **“D. João II”** - Peça em dois actos; 1997/1998.
- **“Laudário de Misericórdia”** - Teatro - Oratória; 1999
- **“Garret Teatro”**

Em preparação:

- **José Franco - A razão de um Sonho.**
- **Infante D. Pedro.**
- **O Estóico.**

JOÃO OSÓRIO DE CASTRO

GARRETT/ TEATRO

(Fantasia em duas partes)



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
2000

Biblioteca Nacional — Catálogo na Publicação
Castro, João Osório
Garrett: fantasia em duas partes
(sociedade portuguesa de autores; 27)
ISBN 972-20-1814-0
CDU 821.134.3-2 "19"



Publicações Dom Quixote, Lda.
Rua Cintura do Porto
Urbanização da Matinha, Lote A — 2.º C
1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2000, João Osório de Castro e Sociedade Portuguesa de Autores

Capa de:
Herlander Peyroteo

Arranjo Gráfico:
Ricardo Miranda

Coordenação:
João Gil

Revisão tipográfica:
Lídia Freitas
1.ª edição: Abril de 2000
Depósito legal n.º 149427/00
Fotocomposição, impressão e acabamento:
ELO — Publicidade, Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 972-20-1814-0

Dedicatória: À minha família e à memória de José Osório de Oliveira, na passagem do primeiro centenário do seu nascimento, que herdou de sua mãe, Ana de Castro Osório, a devoção por Garrett, a qual muito me ajudou no estudo da sua vida e obra.

João Osório de Castro

“Espero que só morra de mim aquilo em que me pareci e me uni com os outros homens.
Gostarei que de mim viva a parte que julgo imortal!”

João de Almeida Garrett

PERSONAGENS

João de Almeida Garrett

Maria Krutz

Maria Adelaide

Deputado
Cavaleiro Amante
Correio
Giovanni Valdini
1.^a Máscara
2.^a Máscara

Nota: Um actor interpretará os personagens - Deputado, Cavaleiro Amante, 1.^a Máscara, Correio e Giovanni Valdini

A 2.^a Máscara será interpretada pela actriz que representa a personagem de Maria Krutz.

PERSONAGENS
Um actor interpretando os personagens de
Marta Krims
Um actor interpretando os personagens de
Marta Krims
Um actor interpretando os personagens de
Marta Krims

PERSONAGENS

Marta Krims

Marta Adelaide

Deputado

Cavaleiro Anante

Comete

Giovanni Valdim

1.ª Mascara

2.ª Mascara

Nota: Um actor interpretando os personagens de
Cavaleiro Anante, 1.ª Mascara, Comete e Giovanni Valdim

A 2.ª Mascara será interpretada pela actriz que representava o
personagem de Marta Krims

*(Escuro em cena. Lamentando, a luz sube e o palco surge
numa semi-obscuridade. Um guarda-guarda-roupa. Uma
moça. Três cadeiras. Um homem atirado para o chão e
a um espelho. Arranjo a luz. Os actores no digito e cubo-
ta, etc. Uma mulher, mais nova, sentada numa cadeira,
olha os seus movimentos com curiosidade. Uma visitante
de illustria.)*

MARIA ADELAIDE: (Para o guarda-roupa...)

I PARTE

JOÃO DE ALMEIDA: (Para o guarda-roupa...)

(Cantando e tocando.)

MARIA ADELAIDE: (Para o guarda-roupa...)

JOÃO DE ALMEIDA: (Para o guarda-roupa...)

MARIA ADELAIDE: (Para o guarda-roupa...)

JOÃO DE ALMEIDA: (Para o guarda-roupa...)

(Escuro em cena. Lentamente, a luz sobe e o palco surge numa semi-obscuridade. Um armário guarda-roupa. Uma mesa. Três cadeiras. Um homem afadigado contempla-se a um espelho. Arranja o laço, dá toques no bigode e cabelo, etc. Uma mulher, mais nova, sentada numa cadeira, olha os seus movimentos com curiosidade. Uns instantes de silêncio.)

MARIA ADELAIDE: Já me parece melhor...

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Não consigo dar-lhe o meu toque.

(Continua a tentativa.)

MARIA ADELAIDE *(Uma certa nostalgia.)*: O toque... Como num teatro... Olhei-te, pela primeira vez, como se olha para a personagem de um drama, meu bem amado João...

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT *(Dando uns toques no laço.)*: Que tal te pareço agora, Adelaide?

ADELAIDE: Melhor rematado!

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: A minha admiradora sem mácula... a que me salvou... A única que verdadeiramente...

MARIA ADELAIDE (*Tapa-lhe a boca com a mão.*): Eu conheço tudo, não esqueças...

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: É o que penso do nosso encontro, mais do nosso encanto!

MARIA ADELAIDE: Existes assim... Consolo-me com essa única verdade.

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT (*Dá uma volta sobre si, exibindo-se.*): Mas estou realmente bem?

MARIA ADELAIDE: Tanto como daquela vez em que lutaste na Assembleia... Descreviam-te num jornal: "Vestia casaco verde-bronze com botões de metal amarelo, colete branco de grandes abas, camisa com folhos de cambrá e punhos canutados, a mais vistosa das gravatas, a calça cor de flor de alecrim; nas mãos luvas cor de palha..."

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Fazes-me chegar as lágrimas aos olhos... Que memória!... A memória é o espelho da inteligência... (*Baixa-se para a beijar.*) Mereces uma recompensa.

MARIA ADELAIDE (*Modo estranho de dizer.*): Estás comigo... há tanto tempo. Mas vais chegar atrasado a S. Bento, como de costume...

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Hoje, como ontem,

raramente se passa ali qualquer coisa digna do tempo de um artista.

MARIA ADELAIDE: Essas ironias saíram-te sempre caras.

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT (*Bate com uma mão na testa.*): De manhã, não irei ouvir falar a S. Bento, agora me lembro. Tenho de mudar de roupa, e vestir o conjunto da casaca preta. Visto-me sempre de casaca preta, a rigor, quando adivinho que a minha fiel amiga, Maria Krutz, o meu anjo da guarda, me vem visitar. Para falarmos, para estarmos juntos...

MARIA ADELAIDE: Assim, serás sempre para eles o deputado poeta!

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Honro-me muito com essa fama. Até porque é a mim que eles têm pedido, e continuam a pedir, que lhes redija os decretos mais sérios.

MARIA ADELAIDE: Ainda bem que decidistes ficar... A Maria Krutz já não pode deixar de aparecer por aqui.

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Gosto das nossas conversas, bem o sabes. Voltando à fama de poeta. É uma opção que há muito tomei. Nunca serei o homem de ninguém. Continuarei, agora e para sempre, a sê-lo de mim mesmo! Sinto sempre renovada essa minha convicta ambição. Que nem de uns nem de outros depende... (*Dirige-se ao guarda-fato e retira a casaca preta, etc. Começa a despir-se e a vestir-se de novo.*)

MARIA ADELAIDE: Com um traje clássico é sempre mais difícil dar tratos à fantasia. Felizmente, essa casaca inglesa assenta-te como uma luva. É por si um acontecimento... Que laço vais experimentar?

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Gosto que me gabem com esta casaca! Vou experimentar hoje o laço branco-cinza. O alfinete de pérola dar-lhe-á o realce perfeito.

MARIA ADELAIDE: A Maria Krutz abre sempre mais os seus longos olhos negros, quando, demoradamente, te aprecia nesse traje... Cobre-te de alto a baixo com um sorriso antigo, e quase me tento a jurar que a tenho ouvido, levezinho, a suspirar.

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT (*Terno, vem fazer-lhe uma carícia.*): Eu sei... minha querida espia, nunca deixas passar nada... Ela continua a ser para mim o consolo de uma visão celeste, que logo me surpreendeu a alma, de um modo novo e estranho. "Quando pela primeira vez, em sua casa, lhe beijei a mão, na noite da leitura do Frei Luís de Sousa, logo me perturbei e tremi ligeiramente. Não pela sua beleza, mas dominado pelo fascínio dos seus olhos tristemente negros, negros e longos como uma longa noite de inverno, tristes como ela, sujeitos, como ela, a variar de uma intensa e inquieta vivacidade para a languidez que a alterna".

MARIA ADELAIDE (*Leve ironia.*): "Tem fidalguia no corpo, no rosto e na alma."

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT (*Aceno de confirmação.*): Deve estar por aí. (*Continua a vestir-se com o maior cuidado. Escova-se. Tira a cabeleira postiça, coloca-a no armário e escolhe outra, de tom e penteado diferentes.*)

MARIA ADELAIDE: É permanente o teu fascínio pela cor dos olhos das belas damas que admiraste. Maria Krutz tem de memória as tuas descrições dos olhos de quase todas elas, incluindo os de Laura Robinson...umas das três meninas inglesas.

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT (*Que continua a arranjar-se.*): Lembro-me delas como se fosse hoje... Por onde andarão? (*Numa evocação.*) "Não há mais suave nem mais doce entretenimento do que flortar com um graciosa e elegante menina inglesa; com duas é prazer angélico, com três é divino." Que patéticos tenho escrito! (*Ri-se.*)

MARIA ADELAIDE: Agora, confere, por favor: os olhos de Laura eram cor de avelã, diáfana, pura, aveludada. E grandes, vivos...! A descrição parece-me confusa, demasiado romântica, para os tempos que correm.

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Não o creias. O reflexo dos olhos das mulheres é e será o espelho da sua alma. O seu fulgor denuncia sempre a sua capacidade de paixão, que se pode avaliar quase matematicamente. Será um estudo interessante catalogar a tendência e a capacidade amorosa das mulheres, segundo a cor, o tamanho e a vivacidade dos seus olhos. (*Continua a arranjar-se.*) Estou pronto. Estou quase pronto. Continuo a gostar de

contracenar com ela no meu papel de Telmo Pais. A Maria Krutz organiza tudo tão bem! *(Dá mais uns toques na cabeleira, escova-se com esmero. Mostra-se ansioso, batendo com as luvas elegantíssimas numa das mãos. Senta-se. Como que para se concentrar, numa espécie de prece, coloca a cabeça entre as mãos. Invoca, suplica a presença de Maria Krutz.)* Maria Krutz! Maria Krutz, minha fiel e dedicada amiga! *(Há um crescendo de ansiedade entre o casal. Maria Adelaide entra também no jogo.)*

MARIA ADELAIDE: Maria Krutz! Maria Krutz! Estamos à espera. Maria Krutz!

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Maria Krutz, Maria Krutz! Minha fiel e dedicada amiga!

MARIA ADELAIDE: Estamos à espera, Maria Krutz! *(Ao fim de algum tempo, em que a tensão cresce, ouve-se a voz de Maria Krutz.)*

Não te amo, quero-te: O amor vem da alma

E eu na alma, tenho a calma.

A calma do jazigo.

Ai! Não te amo, não.

MARIA ADELAIDE: A Viscondessa continua a ser a única rival verdadeiramente odiada pela Maria Krutz. Parece-me furibunda, desta vez, a dizer o “Não te amo.”

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT: Que beleza!... Como ela sente intensamente este poema! *(Maria Krutz continua a dizer:)*

MARIA KRUTZ: Não te amo, quero-te: o amor é vida.

E a vida, nem sentida.

A trago eu já comigo.

Ai! Não te amo, não! *(Pausa.)*

JOÃO DE ALMEIDA GARRETT *(Afasta-se. Num aparte.):* Está a dizer os meus versos mais atrozes... nos quais me sangrei em bruta natureza. Eu quis amar aquela mulher com a alegre ferocidade de um jovem cavaleiro. Com um sorriso nos lábios, tudo arrisquei, para seduzir e raptar uma mulher tentadora, que fosse o fogo do desejo para todos os homens à sua volta. É, acima de todos, o irresistível fascínio dos abismos!